



Mesa redonda: Exílios

Desterradas a suelo propio: las experiencias del exilio interior en la Argentina durante la década de 1970

Andrea Andújar (IIEGE/UBA)

Este trabajo analiza las experiencias de mujeres que debido a la persecución política desatada como castigo por su compromiso militante en la Argentina, debieron “desplazarse” dentro de las fronteras nacionales, sin llegar a embarcarse hacia otros países o logrando hacerlo luego de huir durante varios meses ocultándose en diversas ciudades y provincias.

En la última década, la historiografía académica ha denotado un interés creciente en el estudio del exilio como una parte insoslayable de la historia del pasado dictatorial. El tema también se volvió más notable en la agenda tanto de las agencias gubernamentales como de los organismos de derechos humanos y otras organizaciones sociales. Sin embargo, la abrupta ruptura vital, la “ajenidad” de las desplazadas internas, ha merecido una atención mucho menor. Este trabajo se centra en esas historias aún no relevadas, para escudriñar los desafíos, las estrategias y los lazos que construyeron quienes la transitaron.

Busca con ello enlazar estas experiencias con las de las mujeres que debieron buscar refugio en otros países a fin de dar cuenta de los múltiples senderos recorridos por quienes tuvieron que abandonar su comunidad de origen, sus lazos afectivos, sociales y políticos intentando salvar sus vidas de la ferocidad represiva.

Exílios e diásporas: cartografias de gênero na contemporaneidade

Sandra Regina Goulart de Almeida (UFMG)

Partindo das espacialidades contemporâneas como categorias imperiosas na atualidade devido às novas contingências geopolíticas, o trabalho procura mapear, sob uma perspectiva de gênero, as representações e construções das mulheres nesses novos espaços geopolíticos, culturais e socioeconômicos. A partir dos pressupostos da crítica feminista contemporânea pretende-se discutir como esses espaços apresentam a marca indelével da possibilidade de múltiplas trajetórias do sujeito gendrado. São espaços que podem ser vislumbrados por meio de teorizações sobre o local e o global; o exílio, a desterritorialização, o deslocamento e o desenraizamento como categorias analíticas; a nova diáspora e as diásporas da esperança e do terror; a cidade cosmopolita como espaço privilegiado das narrativas contemporâneas; as novas geografias da raiva e do medo; os espaços do corpo feminino e gendrado e os espaços de adesão emotiva. Ao teorizar sobre essas categorias de análise especificamente relacionadas ao espaço e às experiências das mulheres, pretende-se analisar como os novos espaços da contemporaneidade afetam e são afetados pelas relações de gênero, constituindo possíveis formas de agenciamento impetradas pelos sujeitos femininos.

Gênero e Performance na Oposição à Ditadura Militar nos Estados Unidos, 1970-1977

James N. Green (Brown University)

No começo dos anos 60, uma das imagens mais forte do Brasil, entre os americanos, era aquela “coisa mais linda, mais cheia de graça”, que passava num doce balanço a caminho do mar. A bossa nova e a garota de Ipanema seduziam os estrangeiros, especialmente os homens, para mergulhar neste país tropical. Nas revistas americanas, nos filmes do Hollywood e nos artigos escritos sobre o Brasil, nos Estados Unidos dos anos 50 e 60, o pano de fundo era sempre a selva amazônica, com os seus índios exóticos e o carnaval, aquela festa luxuosa e louca, onde qualquer turista podia participar dançando o samba, com os ritmos de um batuque africano. No final dos anos 60, os americanos, que tentavam organizar uma campanha contra a ditadura militar brasileira - especialmente contra o apoio do governo norte-americano aos generais - enfrentavam uma grande dificuldade. Como educar, pelo menos, um setor do público americano sobre a situação política no Brasil? Como colaborar com uma campanha internacional apoiando a oposição ao regime militar? Embora os grupos nos Estados Unidos que se organizaram em defesa do Brasil levantassem outras questões, tais como a política econômica da ditadura, a destruição da selva amazônica e o genocídio dos índios brasileiros, o tema da tortura sempre



despontava como uma questão que comovia e interessava um amplo público americano. Duas imagens do país e do corpo brasileiro passaram a conviver. O Brasil não era mais somente uma terra de delicias tropicais; passou a ser também a terra do terror. O corpo brasileiro não balançava mais somente com os ritmos de samba ou bossa nova. Esta apresentação oferece três exemplos de *performances* feitos nos Estados Unidos por brasileiros e norte-americanos, exilados e ativistas, para denunciar o regime militar.